



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 1621/15	DATA: 03/09/2015	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 10h51min	TÉRMINO: 13h	PÁGINAS: 46

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

GLÓRIA SPERANDIO - Diretora de Marketing da Confederação Brasileira de Handebol — CBHB.
GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Gerente Administrativo da Confederação Brasileira de Atletismo — CBAAt.
ARNALDO DE OLIVEIRA SILVA - Medalhista Olímpico e Treinador da Confederação Brasileira de Atletismo — CBAAt.
FERNANDO FRANCO FERREIRA - Presidente do Centro de Estudos do Atletismo.

SUMÁRIO

Debate acerca da preparação da delegação dos atletas para as Olimpíadas de 2016.

OBSERVAÇÕES

Houve exibição de imagens.
Houve exibição de vídeos.
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Bom dia a todos.

Esta reunião de audiência pública da Comissão do Esporte conjunta com a Subcomissão Especial para a realização das Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016, está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 33, de 2015, de minha autoria, e tem como objetivo debater a preparação da delegação dos atletas para as Olimpíadas de 2016, com as Confederações Brasileiras de Atletismo e de Handebol.

Para dar início às apresentações, convido para sentar-se à mesa o Sr. Georgios Stylianos Hatzidakis, Gerente Administrativo da Confederação Brasileira de Atletismo — CBAT; o Sr. Arnaldo de Oliveira Silva, medalhista olímpico e treinador da Confederação Brasileira de Atletismo — CBAT; a Sra. Glória Sperandio, representante da Confederação Brasileira de Handebol — CBHB; e o Sr. Fernando Franco Ferreira, Presidente do Centro de Estudos de Atletismo — CEA.

Informo que esta é a primeira de uma série de audiências públicas com a presença de confederações olímpicas, para debater a preparação das delegações para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Outras duas já estão programadas: uma no dia 10 de setembro, com as Confederações Brasileiras de Judô e de Levantamento de Pesos, e outra no dia 17 de setembro, com as Confederações Brasileiras de Vela, de Remo e de Taekwondo.

Comunico a todos que esta audiência pública está sendo transmitida pelo portal e-Democracia e tem um *link* disponível na página da Comissão do Esporte, no portal da Câmara.

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 15 minutos para a sua preleção, não podendo ser aparteado. Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente, podendo fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição, pelo prazo de 3 minutos. As perguntas ou comentários enviados pela Internet seguirão os critérios de propriedade do tema e serão repassados aos debatedores pelo Presidente da Mesa, de forma discricionária. Será permitida a réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Para dar início aos debates, passo a palavra à Sra. Glória Sperandio.



A SRA. GLÓRIA SPERANDIO - Bom dia a todos. Meu nome é Glória e eu faço parte da Confederação Brasileira de Handebol, especificamente da área de *marketing*.

Inicialmente, eu peço desculpas. O Manoel Luiz Oliveira, o Presidente da Confederação, não pôde vir porque houve um problema técnico com o avião em que estava, que não pôde decolar. Eu não tenho aqui a ousadia de me comparar a ele, que é brilhante e tem, dentro dele, todo o handebol. Mas, para nós não perdermos esta oportunidade, eu vou tentar mostrar a vocês um pouquinho do que o handebol tem feito desde 2009, quando o Brasil conquistou o direito de sediar as Olimpíadas.

Eu vou contar um pouquinho sobre o que temos feito desde 2009, com as duas seleções, tanto a feminina quanto a masculina, que são seleções olímpicas. Acho que todo mundo já acompanhou o título inédito da Seleção Feminina de Handebol. Vou tentar, a partir daqui, contar um pouquinho da nossa história.

(Segue-se exibição de imagens.)

Aqui contamos um pouquinho como é o handebol no mundo. O handebol é um esporte praticado por 31 milhões de pessoas e está presente nos cinco continentes. É o segundo esporte do continente europeu em importância, ganhando inclusive do futebol em alguns países. É o esporte mais praticado nas escolas brasileiras.

Aí estão as características do handebol: é empolgante, pelo número de gols e plástica; mostra garra, força e vibração; compara-se muito ao povo brasileiro, porque tem um trabalho coletivo; pode ser jogado em qualquer canto, em qualquer pedaço de chão, não precisa de quadra, pode ser jogado na terra, com bola de meia. Nós falamos que o handebol é um dos esportes mais democráticos do País.

O handebol no Brasil. O Brasil é o nº 1 das Américas, não perde para ninguém das Américas. A Argentina está subindo no handebol masculino, sendo que a sua equipe feminina disputou a final do Pan-Americano. Nós estamos no 13º lugar do *ranking* da Federação internacional de Handebol, entre 180 nações filiadas. São 500 mil atletas federados e confederados e 27 federações.

Segundo a Sport Track, uma das empresas mais importantes em pesquisa de esporte, há no Brasil cerca de 1 milhão de praticantes, 61% dos quais são mulheres



e 39% são homens, sendo 59% na faixa etária de 16 a 24 anos e 19,9%, de 25 a 34 anos.

Segundo pesquisa da Nielsen, o handebol, de 2007 a 2012, teve um crescimento de 14% na preferência popular. Portanto, nós entendemos que há uma demanda reprimida da modalidade no País.

A missão da Confederação é alcançar a excelência no handebol, promover o desenvolvimento econômico e sustentável da modalidade, democratizar a sua prática em todos os níveis, desde a escola, junto a crianças.

Visão de futuro. O nosso objetivo é estar entre as três confederações de esportes olímpicos do País a partir de 2016.

Contamos aqui um pouquinho da nossa política de qualidade. Queremos atender bem os clientes, desde o praticante até o nosso patrocinador.

Este, para quem não conhece, é o nosso Presidente Manoel Luiz Oliveira. Ele estaria aqui, mas infelizmente não pôde vir.

Em 2009, quando o Brasil conquistou o direito de sediar as Olimpíadas, a Confederação chamou a sua equipe e pediu que reescrevêssemos e incrementássemos o nosso plano estratégico. Aí começou um engajamento ainda maior, em busca de títulos, treinamentos, etc. Nós começamos com o quê? Contratamos dois técnicos estrangeiros: o dinamarquês Morten Soubak, para técnico da Seleção Feminina; e o espanhol Jordi Ribera, para técnico da Seleção Masculina, que está fazendo um trabalho incrível, inclusive com acampamentos pelo Brasil afora.

A Confederação assinou um convênio internacional por meio do Comitê Olímpico Brasileiro, com um clube chamado Hypo Nö, da Áustria O que é esse convênio? Havia oito atletas da Seleção Olímpica nesse clube, que ganhou inclusive o título do mundial. Por 1 ano, elas ficaram jogando lá na Áustria, sendo que no último ano o Morten Soubak treinou a equipe do clube.

Fazemos acampamentos pelo Brasil afora, acampamentos regionais e nacional, em parceria com o Ministério do Esporte. O acampamento nacional é realizado no SESI de Blumenau. Todas as crianças, os talentos captados pelo Brasil afora, junto às federações, são levadas para o acampamento nacional em Blumenau, numa parceria entre o Ministério, a Confederação e o SESI.



Mundial de 2011 no Brasil. O Brasil ficou com o quinto lugar, colocação inédita para o handebol. Mas não foi só isso. Com o fato de trazermos o Mundial para o Brasil, tanto a imprensa quanto a opinião pública descobriram que, além do vôlei, do futebol e do basquete, também havia o handebol, um esporte forte e que estava em franco desenvolvimento.

Já nos Jogos Olímpicos de Londres, o Brasil conquistou a sexta colocação, fato também inédito na nossa história. Então, o handebol do Brasil veio construindo um caminho de títulos e melhorias.

Em 2012, houve a chegada dos nossos parceiros, muito por conta do Mundial de 2011. A Asics tornou-se a fornecedora oficial de nossos materiais esportivos. Desde tênis a uniformes, tudo isso é a Asics que nos fornece.

O handebol foi incluído no Plano Brasil Medalhas, do Governo Federal. Em novembro do mesmo ano, os Correios entraram como nossos patrocinadores, aportando 5 milhões de reais. Já em julho de 2013, o Banco do Brasil também se tornou nosso patrocinador, aportando 5 milhões de reais através da Lei de Incentivo ao Esporte.

O ano de 2013 foi um marco na nossa história. As meninas, de forma inédita e sem perder um jogo, conquistaram o título do Mundial na Sérvia. A partir daí, todos — o Brasil e o mundo — abriram os olhos para o handebol brasileiro. Nesse Mundial, a armadora Eduarda Amorim foi considerada a melhor atleta e a Bárbara Arenhart foi considerada a melhor goleira.

Em 2012, pela primeira vez na história, uma atleta sul-americana, a Alexandra, conquistou o título de melhor atleta do mundo. Nós fizemos um selo alusivo a esse título, que foi um sucesso e até hoje é pedido por colecionadores — acabamos de receber um pedido do nosso amigo ali. Por duas vezes, uma atleta brasileira conquistou o título de melhor do mundo, pois no ano passado a Eduarda Amorim também foi eleita a melhor atleta.

Aí esta um pouco da história da Seleção Feminina de Handebol: ela é pentacampeã dos Jogos Desportivos Pan-Americanos; foi nove vezes campeã do Campeonato Pan-Americano de Handebol Feminino; e foi campeã do Campeonato Sul-Americano de Handebol Feminino, em Mar Del Plata, em 2013.



A Seleção Masculina de Handebol também segue a mesma trajetória, com o Jordi Ribera à frente da equipe técnica, que faz um trabalho nas categorias de base, juvenil e júnior. Ele é o coordenador das equipes. A Seleção é bicampeã do Campeonato Sul-Americano de Handebol Masculino e tricampeã dos Jogos Pan-Americanos — acabou de ganhar da Argentina, inclusive. Em 2013, também de forma inédita, ela ficou com o 13º lugar no Campeonato Mundial de Handebol Masculino. Em 2012, em Buenos Aires, ela foi campeã do Pan-Americano Masculino de Seleções de Handebol.

Agora em 2015, nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, o handebol do Brasil foi a única modalidade coletiva a ser 100% ouro. Tanto no feminino quanto no masculino, nós conquistamos o ouro, fato inédito. O masculino havia perdido em 2011, mas agora deu o troco para a Argentina e ganhou. Tudo isso faz parte da nossa preparação para 2016.

Também neste ano de 2015, o Brasil realizou o Campeonato Mundial Júnior de Handebol nas cidades de Uberaba e Uberlândia. Para vocês terem uma ideia, este ginásio é em Uberaba e tem 5 mil lugares. Ficaram de fora 2 mil pessoas, porque não conseguiram entrar. Estamos falando da Seleção Júnior.

A Seleção Juvenil Masculina conquistou o 8º lugar agora, no Mundial da Rússia, também a melhor colocação de sua história. Portanto, nós percebemos como a modalidade vem crescendo, inclusive nas categorias de base.

A partir do momento em que o handebol do Brasil passou a receber recursos, nós tivemos condições de realizar mais fases de treinamentos internacionais e nacionais. Fora do Brasil, tanto o handebol feminino quanto o masculino treinam em torno de seis vezes por ano, na Europa principalmente, que é o grande centro do handebol mundial.

A CBHB também criou uma competição chamada Torneio Quatro Nações. Trata-se de um torneio realizado no Brasil, para o qual nós sempre trazemos seleções fortes. Isso também faz parte da fase de treinamentos do Brasil. Este ano nós trouxemos a Noruega, que é bicampeã olímpica, com jogos transmitidos pelo *Esporte Espetacular*. Aqui vemos um ginásio lotado em São Bernardo do Campo, com mais de 2 mil pessoas do lado de fora, sem conseguir entrar.



A primeira edição do Torneio Quatro Nações ocorreu em novembro, também em São Bernardo do Campo, e contou com a participação das seleções de Argélia, Egito e Argentina. A segunda edição foi em João Pessoa, com o ginásio também lotado.

O que temos feito com isso? Temos levado o handebol a todos os cantos do Brasil. É uma forma de levarmos a modalidade para mais perto das pessoas, de desenvolver o handebol naquela região, fazendo mais adeptos. Assim, levamos o handebol para todos os cantos do Brasil.

A primeira edição feminina desse torneio será em Brasília, em novembro, com a participação de Argentina, Sérvia — inclusive, vamos reeditar a final histórica lá, em 2013, quando o Brasil ganhou o título — e provavelmente Espanha, que ainda não está confirmada.

Nós dizemos que esse torneio é o desafio das campeãs. Para o evento de São Bernardo do Campo, vieram as atletas campeãs mundiais e a Seleção da Noruega, atual campeã olímpica. Ele foi transmitido pela primeira vez pelo *Esporte Espetacular*. Para vocês terem uma ideia, mais de 14 milhões de pessoas — este é um número que a Rede Globo nos passou — assistiram ao handebol pelo *Esporte Espetacular*. Inclusive, nós ganhamos da atual campeã olímpica.

As seleções pelo Brasil. Como parte da fase de desenvolvimento e de treinamento, visando aos Jogos Olímpicos de 2016, levamos as seleções para Cabo Frio, Vitória, São Bernardo do Campo, Maceió, Santos, João Pessoa, Santo André, São Caetano do Sul, Rio de Janeiro, onde ficaram treinando no CCFEX, por 1 semana, quase internados. Não deixávamos nem a imprensa entrar lá, para que de fato as seleções pudessem treinar.

Ao passar pelo Brasil, deixamos um legado tanto social quanto esportivo. A Confederação já implantou 15 núcleos do projeto Mini-Hand nas escolas públicas por onde passou. O que é isso? Deixamos lá bolas e apostilas, treinamos os professores e, durante o ano, vamos municando e levando atletas, para dar incentivo às crianças. Isso faz parte do legado social. Trocamos ingressos por alimento, plantamos árvores, participamos de alguma campanha na cidade, como a de prevenção ao câncer de mama, que foi a última, e a da dengue; visitamos hospitais. Enfim, a Seleção tem também esse papel social.



Na Paraíba, no Quatro Nações Masculino, a Confederação Brasileira firmou uma parceria com a ONU — pelo que consta, é a única confederação que tem essa parceria. O que é isso? Levamos o esporte de uma forma inclusiva para as cidades por onde passamos.

O handebol em números. A partir de 2013, a *TV Globo* é a televisão oficial do handebol. O handebol hoje, além de lotar ginásios, conta com aproximadamente 1,4 milhões de pessoas assistindo aos jogos através do *SporTV*. Só para se ter uma ideia, em 2012 o ginásio em São Bernardo do Campo estava daquele jeito ali, vazio. Hoje nós estamos lotando os ginásios do Brasil inteiro, inclusive com pessoas ficando do lado de fora.

O handebol na mídia. Esse resultado é de janeiro a junho. Costumamos mensurar isso por espaço: quanto custa 30 minutos ou o centímetro de coluna nas mídias, tanto eletrônica quanto impressa. Como foram 22 partidas, houve 85 horas em que falaram do handebol e 275 páginas em jornais. Se o handebol fosse pagar pelo espaço nas mídias do Brasil, isso custaria 110 milhões de reais.

Qual é o objetivo hoje da Confederação? Quanto às seleções, está tudo bem. Mas nós temos um produto interno, a Liga Nacional, que precisamos fortalecer. Precisamos fortalecer os clubes, os campeonatos regionais, a Liga Nordeste, o Campeonato Nordeste, a Taça Amazônica, que são produtos nacionais que inclusive promovem os nossos atletas para as seleções olímpicas.

Planejamento das seleções até os Jogos Olímpicos. A nossa agenda está cheia: as seleções terão oito fases de treinamento no Brasil e cinco na Europa, de olho nos resultados. Além das Olimpíadas, a Seleção Feminina tem pela frente o Mundial da Dinamarca em dezembro, onde defenderá o seu título. Já a Seleção Masculina tem a disputa do Pan-Americano na Argentina. E, para completar a programação das outras categorias, consta do calendário os Pan-Americanos Júnior e Juvenil Femininos e os mundiais.

Planejamento da Seleção Feminina. Este ano, haverá em outubro uma fase de treinamento em Fuerteventura, na Espanha; em novembro, o Torneio Quatro Nações em Brasília; e em dezembro, o Mundial da Dinamarca. No ano que vem, haverá em fevereiro uma fase de treinamento em São Bernardo do Campo; em março, uma fase de treinamento em Paris, na França, e depois em Oslo, na



Noruega; em maio e junho, uma fase de treinamento em Frankfurt, na Alemanha; em junho e julho, uma fase de treinamento na CCFEX, no Rio de Janeiro. Essa fase de treinamento na CCFEX não é aberta para o público ou para a imprensa. A Seleção fica focada o tempo todo. Lá tem academia, restaurante e praia, inclusive. Então, nem é preciso sair dali de dentro.

Planejamento da Seleção Masculina. Em novembro deste ano, haverá uma fase de treinamento em Hamburgo, na Alemanha; e em dezembro, uma fase de treinamento em Blumenau, em Santa Catarina. No ano que vem, haverá em janeiro uma fase de treinamento em Madri, na Espanha; em maio e junho, uma fase de treinamento em Blumenau, em parceria com o Sesi; em junho, uma fase de treinamento em São Bernardo do Campo, o Pan-Americano em Buenos Aires, na Argentina, e uma fase de treinamento em Madri, na Espanha; em julho, uma fase de treinamento em São Bernardo do Campo e também no Rio de Janeiro.

Nós tivemos uma grande conquista que foi o Centro de Desenvolvimento do Handebol Brasileiro. Ele já está construído e está em fase de compra de equipamentos. Lá também há um hotel, então, não vamos precisar levar as seleções para outros hotéis, que poderão se alojar no nosso. Esse hotel tem capacidade para 143 pessoas, tem duas quadras, restaurante, academia, escritório. A Confederação deve ir para esse Centro.

Como é esse Centro? Ele fica em São Bernardo do Campo, no antigo Clube da Volkswagen, onde estão a ginástica, o atletismo e agora o handebol. É uma parceria com a Prefeitura de São Bernardo do Campo, tendo sido aportados 12 milhões de reais do Ministério do Esporte. Essa fase de compra de equipamentos deverá ficar em torno de 6 milhões de reais.

Como é financiado o handebol no Brasil? Nós recebemos R\$3.700.000,00 através da Lei Agnelo/Piva; o Banco do Brasil aporta R\$8.000.000,00; e os Correios aportam R\$6.815.952,16. Temos dois convênios com o Ministério do Esporte, um com a Seleção Feminina e outro com a Seleção Masculina, que vêm desde 2012 e estamos finalizando. O convênio da Seleção Feminina tem um aporte de R\$1.200.000,00; e o da Seleção Masculina, R\$1.800.000,00

O que conquistamos hoje para os nossos atletas? Uma premiação por *performance*, ou seja, se o atleta conquista um título, ele recebe um valor monetário



como prêmio. Agora mesmo, no Pan-Americano, como eles conquistaram os dois títulos, receberam um prêmio do Banco do Brasil, que está dentro dos R\$8.000.000,00 de aporte. Não é lei de incentivo, é patrocínio direto do Banco do Brasil.

Antes os nossos atletas só tinham o Bolsa-Atleta; hoje, a cada fase do treinamento, eles recebem um apoio financeiro, que damos em diárias, e os salários. Hoje os técnicos das seleções olímpicas recebem salários — nas categorias de base, ainda não.

A Confederação Brasileira de Handebol é uma das pioneiras nas alterações que dizem respeito à governança corporativa, para atender à Lei nº 9.615, de 1998. Temos agora um conselho fiscal independente, cujo colégio eleitoral foi ampliado com a participação de atletas e técnicos. Inclusive, para que pudesse receber dinheiro público, a Confederação — e acho que todas as confederações — teve de se adequar a essa nova lei, aos requisitos de transparência, de prestação de contas etc. e tal. Nós fomos umas das primeiras confederações que receberam do Ministério do Esporte o certificado de aptidão para receber dinheiro público neste ano.

Eu queria exibir um vídeo apenas para marcar o antes e o depois do handebol, que mostra um momento histórico para a nossa modalidade e, eu acho, para os brasileiros e para quem gosta do handebol: o momento em que o Brasil conquistou a medalha de ouro. Eu queria compartilhar esse vídeo com vocês. Não sei se todos tiveram oportunidade de assistir ao jogo, portanto, eu gostaria de mostrar os últimos minutos da conquista desse título inédito da nossa Seleção Feminina.

(Exibição de vídeo.)

A SRA. GLÓRIA SPERANDIO - Até hoje eu fico emocionada ao ver esse jogo. Peço desculpas, porque o vídeo era para ser de 3 minutos, mas se passaram 6 minutos. No entanto, é importante compartilhar uma emoção tão grande para nós, que vivemos o dia a dia do esporte, que catamos a bola literalmente. Apenas queria compartilhar esse momento com vocês.



Estou à disposição de todos. Sei que não me expressei tão brilhantemente como o faria o nosso Presidente, mas espero que tenha conseguido passado um pouquinho do handebol para vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sra. Glória.

Concedo a palavra ao Sr. Georgios Stylianos Hatzidakis.

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Bom dia a todos.

Antes de mais nada, em nome do nosso Presidente José Antonio Martins Fernandes, o Toninho, eu gostaria de agradecer aos prezados Deputados o convite para estar aqui, na Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados. O Sr. Toninho não pôde estar presente por motivo de viagem, por isso, pede desculpas e enviou-me aqui para representá-lo.

Parabenizo a minha companheira do handebol.

Eu vou fazer o contrário, pois começarei exibindo um vídeo sobre o atletismo.

(Exibição de vídeo.)

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Este vídeo sempre nos emociona porque mostra as glórias do atletismo brasileiro, que nós esperamos repetir, indo cada vez mais alto no pódio.

É importante dizer que o atletismo é uma modalidade esportiva estratégica e fundamental para o Brasil tornar-se potência olímpica. É um dos objetivos do Comitê Olímpico Brasileiro e do Governo Federal estar entre os dez primeiros países com o maior número de medalhas.

No atletismo, são disputadas 141 medalhas. É a modalidade que mais oferece medalhas no programa dos Jogos Olímpicos, com 47 provas. Isso mostra a complexidade do treinamento e a necessidade de recursos para o atletismo.

Cada prova é considerada uma modalidade, desde os revezamentos até o salto com vara, as provas de velocidade, as provas de fundo e assim por diante. Cada uma dessas 47 modalidades tem necessidades e características de treinamento específicas, Essa é uma dificuldade muito grande que nós enfrentamos. Mas estamos correndo atrás do nosso objetivo.

Atualmente o Brasil conquistou 14 medalhas nos Jogos Olímpicos, desde Helsinque, em 1952, a Londres, em 2012, sendo 4 de ouro, 3 de prata e 7 de



bronze. Isso é muito pouco para um país com as dimensões do Brasil. Mas estamos trabalhando para aumentar esse número e realmente valorizar o nosso País.

Eu vou entrar especificamente no foco desta Comissão, que é a nossa preparação olímpica, e depois vou falar um pouquinho mais do trabalho que estamos realizando dentro do nosso planejamento estratégico.

Desde quando o Brasil ganhou o direito de sediar os Jogos Olímpicos, começou um planejamento para a preparação olímpica, com o objetivo de efetivamente dar todo o apoio necessário para dar aos atletas que tivessem condições e que atingiram as vagas olímpicas o máximo de recursos e de apoio para chegar aos seus melhores resultados.

No que se refere à formação de um atleta olímpico, todos vocês sabem que, em menos de 8 anos, não se consegue formar um atleta olímpico. Na realidade, um atleta de base leva de 12 a 16 anos para chegar ao auge e ganhar uma medalha olímpica. Portanto, como nós tínhamos 7 anos de tempo, tivemos realmente de contar com os atletas de que dispúnhamos na oportunidade.

A nossa preocupação foi fazer um intercâmbio internacional. Para isso, foram contratados diversos treinadores internacionais para várias provas, numa parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro. Esses treinadores nos ajudaram muito a melhorar o nível dos treinamentos, juntamente com os nossos treinadores brasileiros, que cada vez mais têm se capacitado e estudado para melhorar o desempenho dos nossos atletas. Vários cursos técnicos estão sendo promovidos pelo Brasil, justamente para aumentar essa base técnica não só no alto rendimento, mas também na base.

Todos os atletas que conquistaram uma vaga olímpica têm direito, via Plano Brasil Medalhas e Bolsa Pódio, a médicos, fisioterapeutas, massoterapeutas, psicólogos, fisiologistas e nutricionistas. Em todas as competições, desde as categorias menores até as de adulto, a nossa estrutura dá suporte ao atleta, para ele tenha todas as condições de alcançar o melhor resultado. Nós temos acompanhado todas as delegações, especialmente nesse ciclo olímpico.

Nós já garantimos 46 vagas para os Jogos Olímpicos, para os quais levaremos o maior número de atletas. Serão 46 atletas, sendo 16 atletas de revezamento. Esse é um número recorde. Mas ainda existe tempo para outros



atletas também alcancarem o índice estipulado para os Jogos Olímpicos. Quer dizer, nós estamos apoiando todos os atletas que têm potencial para alcançar esse índice, dando-lhes todas as condições para que tenham o melhor desempenho e atinjam o auge de sua capacidade no tempo correto.

Preparação olímpica. Com o término do Mundial agora, a nossa Superintendência de Alto Rendimento vai passar a fazer um monitoramento mais rigoroso de cada atleta, a cada 15 dias ou a cada mês, desde o treinamento, acompanhando as marcas que ele está atingindo e as lesões que sofre e definindo muito bem as metas individuais.

Nós sabemos que, se não houver cobrança para que seja atingida determinada marca, isso é deixado um pouco de lado. Também sabemos que o atleta depende do momento: às vezes, ele tem a melhor marca do mundo e é tido como medalha certa, mas, na hora “h”, acontece algum problema. Todas as modalidades esportivas estão passando por esse drama. A cobrança é muita: “*Não, nós vamos ganhar tantas medalhas*”. Mas, infelizmente, uma noite mal dormida, um problema familiar, alguma lesão não detectada acaba com a esperança que se tem

Justamente por isso nós vamos monitorar os atletas de forma rigorosa e procurar dar-lhes todo o apoio. Por exemplo, o Duda, que está lesionado e foi operado, não participou do Mundial. Ele está tendo todo o respaldo da Confederação para que se recupere e possa chegar ao seu auge nos Jogos Olímpicos. Ele também é uma grande esperança de medalha.

É feita uma programação conjunta com os treinadores e clubes, para que tenham todo o suporte de treinamento para o Rio 2016. Esta é uma característica diferente do atletismo e de modalidades individuais: o atleta é do clube, não é da Confederação. A Confederação não determina o programa ou a periodização do atleta, não determina o que ele vai fazer nem como vai treinar. O atleta tem o seu treinador, que é quem faz todo o planejamento, visando atingir ao melhor resultado na época dos Jogos Olímpicos. O que nos cabe fazer é dar todo o suporte para esse treinador, orientando e trocando ideias, para ver se realmente o atleta vai conseguir atingir o pico no momento certo.

Então, apoiamos desde o plano de treinamento, com relação a todas as competições de *camping* que os treinadores nos propõem — para que o treinamento



seja feito aqui no Brasil, ou em altitude, ou para viajar para qualquer do mundo onde tenha as melhores condições para as provas —, nós enviamos o treinador e o atleta, dando-lhe todo o suporte para que tenha um bom desempenho, com acompanhamento nutricional, psicológico, fisioterápico, médico e odontológico. Com isso, nós esperamos que os atletas tenham um bom desempenho e vão atingir as suas marcas.

Hoje a grande oportunidade que temos é justamente a visibilidade dos Jogos Olímpicos. Será um momento ímpar para o esporte brasileiro. Nós temos cobrado muito o legado disso, vendo a construção de pistas. Há os debates que nos dão a oportunidade de falar mais do esporte, de discutir mais o esporte. Além do mais, a política de esporte está sendo discutida aqui na Câmara, assim como pelo Ministério e pelos Estados. É muito importante o Brasil ter uma política esportiva, o que vai ajudar muito não só o atletismo, mas todas as modalidades.

Trata-se de uma evolução a classificação de mais atletas para os eventos internacionais. Nos últimos anos, o Brasil tem aumentado o número de atletas que atingem marcas e índices para participar de eventos internacionais. Existe sempre uma dúvida: vai ser enviado para participar de competições internacionais quem atingiu o índice ou vai ser enviado só quem tem chance de medalha? Não, nós temos que dar aos atletas a oportunidade de participar de qualquer competição internacional, para ganharem experiência e melhores bons resultados. O objetivo não é só conquistar uma medalha, pois é importante que o atleta tenha a possibilidade de participar. A própria política do Comitê Olímpico Internacional é no sentido de que haja um maior número de participantes nos Jogos Olímpicos. A própria política da Associação Internacional de Federações de Atletismo — IAAF é no sentido de que haja um maior número de atletas e de países nos seus campeonatos mundiais. Por quê? Porque se trata de uma oportunidade de democratizar o esporte, de fazer com que mais pessoas pratiquem o esporte, não só aqueles atletas de excelência, do esporte-espetáculo. Nós vemos que alguns atletas vão a campeonatos mundiais para realmente participar e ganhar experiência olímpica, experiência dos valores olímpicos.

Quais são as principais dificuldades que enfrentamos, e o que estamos fazendo para superá-las? Cito o exemplo do último Campeonato Mundial de



Atletismo, em Pequim, que contou com 207 países participantes. Desses 207 países participantes, 43 ganharam medalhas e 68 chegaram a finais. A disputa no atletismo, entre todas as modalidades, é a que conta com o maior número de países, mais do que a de natação, de judô e de vôlei. A quantidade de países que disputam — e essa disputa é muito acirrada — é muito maior do que em outras modalidades. O atletismo é o esporte mais difícil, porque exige um equilíbrio muito grande, excetuando-se uma prova ou outra, em que existem alguns destaques. Mas mesmo entre estes há surpresas, a exemplo do salto com vara masculino, em que o recordista mundial e melhor atleta do mundo acabou não ganhando a medalha de ouro. Isso é exemplo mundial. E outros atletas que são medalha certa, na hora H, não trazem resultados.

Outra dificuldade é a falta de integração política desportiva no sistema nacional. Até então nós temos diversos sistemas, o sistema escolar, universitário, clubístico, militar, federativo, políticas municipais, estaduais e federais, mas todos eles são sistemas independentes. Cada um deles tem o seu próprio objetivo.

Então, hoje o que acontece? Nós tivemos os Jogos Pan-Americanos, o Mundial, a Universia, os Jogos Mundiais Militares, e os atletas são os mesmos. E cada um quer que o atleta tenha rendimento e ganhe medalha o tempo inteiro. Isso não acontece. Então, enquanto não houver integração entre todos os segmentos para um ser etapa do outro, para haver um objetivo geral do País e uma política pública de esportes, nós não vamos conseguir chegar a lugar nenhum.

Nós não temos hoje a quantidade de atletas suficiente para cobrir todo o sistema. Ou cada sistema se fecha no seu mundo e faz com que os seus atletas sejam só seus ou sempre vai ficar nisso. Então, hoje o atleta que disputa escolar é o mesmo atleta que disputa o seu clube, é o mesmo atleta que está nas forças militares. Ele acaba tendo mais oportunidades, mas o seu desgaste é muito grande.

Nós sempre falamos e todo o mundo acha que a receita de bolo é fazer o sistema esportivo escolar: *“Tem que ter esporte na escola, tem que ter esporte na escola”*. Mas uma coisa que nós temos que discutir é que hoje, na realidade, não existe o sistema esportivo escolar. Existe o esporte na escola, nós acompanhamos e temos dado apoio à CBDE — Confederação Brasileira do Desporto Escolar, ela tem feito um bom trabalho, mas temos que lembrar que a escola muitas vezes não quer



o esporte. Não é obrigação da Educação Física escolar formar atletas. A Educação Física tem um papel educacional muito grande na formação de prática de atividades físicas e de hábitos saudáveis, e a consequência disso vai ser formar atletas. Não existe uma política específica de formação de equipes escolares para revelar talentos.

Então, esse é um problema muito grande que nós temos. Se não tivermos base em todas as modalidades, nós não vamos conseguir atingir o índice olímpico nunca. Tem que haver uma legislação específica, mesmo porque os sistemas escolares têm suas atribuições próprias. Então, vocês sabem que no ensino fundamental as Prefeituras são responsáveis; no ensino médio, são os Estados os responsáveis; e no ensino universitário nem se fala, porque é livre.

Portanto, é difícil. Enquanto não houver uma política e uma legislação específica para revelar talentos — que não é o papel da escola, não é o papel da Educação Física escolar, mas todos cobram e todos querem que a escola faça isso —, vamos estar sempre patinando.

Falam que deveria haver times escolares, mas não é o papel da Educação Física treinar atletas. Então, esse é um problema muito grande que os Deputados deveriam estudar mais profundamente. Nós temos alguns casos agora e, em virtude da crise econômica, o que está acontecendo? Muitos governos estão cancelando os jogos escolares. Então, um programa que começou a dar um grande sucesso foi o Programa Atleta na Escola, como sabemos. Foi a primeira vez, nos últimos anos, em que o Ministério da Educação sentou juntamente com o Ministério do Esporte e fizeram um programa específico para revelar talentos. Começou com o atletismo. Nós tivemos, no primeiro ano, 1 milhão e 300 mil crianças participando, de 12 a 13 anos e de 15 a 17 anos. Desses números — o Fernando sabe, porque fez parte disso —, foram passados os atletas que tiveram os melhores resultados, e esses nomes foram encaminhados para as federações, pelo alto rendimento, para serem analisados, para fazer testes, para ver realmente se esses atletas são talentos esportivos para haver investimento neles. Então, se não houver quantidade, nós não vamos conseguir qualidade.

Agora, temos que lembrar também que é muito difícil tirar do convívio familiar o atleta que se revelou em Rondônia e trazê-lo para treinar num grande centro. E o



custo de se manter um atleta em um Estado é muito caro. Então nós temos uma equação financeira e técnica para resolver que é um problema não só para o atletismo, mas para todas as modalidades que temos por aí.

Infelizmente, nós não estamos vendo continuidade. Houve por dois anos o Programa Atleta na Escola, e nós estamos aguardando sair este ano. Em virtude de contenção de despesas, estamos desesperados, porque vamos perder a continuidade. Então, um garoto de 13 anos que participou por 1 ano, participou o segundo ano, está aguardando o terceiro ano, não vai ter o Programa Atleta na Escola. Nós esperamos que efetivamente o Ministério da Educação o realize, mesmo no final do ano. É melhor realizar de forma rápida do que não realizar.

Há outro ponto importante, sobre o qual existe uma crítica muito grande: a escola não é o lugar de revelar talentos. É uma coisa de que eu discordo. O ambiente escolar é um local onde se detectam alunos com deficiência e com problemas, sendo encaminhados para o devido tratamento ou recuperação de suas deficiências. A escola é um lugar também para se revelar talentos e os encaminhar para o seu crescimento, não só talento esportivo, mas talento em Matemática, em Língua Portuguesa e em tudo o mais. Então, é muito importante nós nos lembrarmos disso.

Infelizmente, ou felizmente, a escola é a esperança de todos os segmentos. Nós falamos que a escola tem que dar ensino técnico, ensino moral, ensino educacional, mas é preciso equalizar. Então, se não houver uma parceria entre o Ministério da Educação, o Ministério do Esporte e as Secretarias de Esporte e Educação, nós sempre vamos falar do esporte na escola, do esporte na escola, mas, se a escola não quiser, não vai acontecer.

Outro problema é que a Confederação é cobrada para fazer tudo, e hoje nós estamos fazendo tudo. Nós temos que apoiar a base, desenvolver a modalidade, cuidar dos atletas, organizar eventos, desenvolver a parte técnica. Então, o sistema nacional tem que dar as suas atribuições, cada um no seu lugar. Não existem recursos suficientes para fazer tudo isso.

Uma das grandes dificuldades no Rio de Janeiro, por exemplo, que o Arnaldo pode falar daqui a pouco, é que o nosso CNTA — Centro Nacional de Treinamento de Atletismo acabou, porque era no Estádio Célio de Barros, que parou de funcionar.



Agora nós conseguimos intervir com a ajuda do Arnaldo, com os esforços da CBAAt, e conseguimos reinstalar o Centro Nacional de Treinamento, para treinar os atletas do Rio de Janeiro, e implementamos lá o Centro Nacional de Treinamento do Rio de Janeiro, onde estamos procurando desenvolver e dar mais apoio aos atletas do Rio.

O maior problema de todos é que os recursos da Confederação Brasileira de Atletismo estão congelados desde 2012. Por quê? Porque os nossos recursos financeiros vêm de patrocínio da Caixa, nós temos a Lei Agnelo/Piva, temos convênios com o Ministério do Esporte, temos um pouco de patrocínio privado, mas eles estão congelados há 4 anos. Com a alta do dólar, com a alta dos custos, não há confederação que consiga se manter. Então, diversos programas, inclusive de apoio aos Centros para revelar talentos, nós tivemos que cortar, porque não existem recursos suficientes. Enquanto estiverem congelados esses recursos — e sabemos que a crise econômica está braba —, nós temos que equacionar. Então, se as Confederações não tiverem foco, realmente vamos sempre ter dificuldade e sempre vamos ser cobrados por um trabalho que acaba não sendo nosso.

Nós hoje estamos procurando formar desde os professores que vão dar aulas em faculdades. Nós estamos tendo reuniões com os professores para pedir o que eles têm que dar para os futuros professores. Estamos preocupados com o programa de miniatletismo nas escolas. Queremos que os professores deem miniatletismo de forma lúdica, de brincadeira, uma vez que o atletismo é a modalidade básica para qualquer modalidade. Saltar, correr, lançar e arremessar é base para qualquer esporte. Se não se aprender a lançar e a correr, não se joga handebol.

Então, é de fundamental importância se definir realmente a política pública, para ver a importância do esporte dentro do processo educacional, assim como a importância da Educação Física dentro do processo educacional, para, aí sim, termos uma base de praticantes, uma cultura esportiva à altura, para desenvolver não só o atletismo, que é o nosso sonho, mas todas as modalidades do nosso País.

Então, o nosso sonho é realmente a medalha, e com a nossa última medalha de prata, da Fabiana Murer, os nossos últimos resultados foram positivos.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sr. Georgios. Convido, para fazer uso da palavra, o Sr. Arnaldo de Oliveira Silva.

O SR. ARNALDO DE OLIVEIRA SILVA - Bom dia a todos! Bom dia, Deputado João Derly! Eu só quero reiterar o que Georgios falou. Eu sou do Rio de Janeiro, fui atleta nas décadas de 80 e 90. Treinei por vários anos no Estádio Célio de Barros, no Rio de Janeiro, que hoje não existe mais, infelizmente. Em vésperas de Jogos Olímpicos, o Rio de Janeiro vem sofrendo para os atletas conseguirem pistas em condições de promover um treinamento de alto nível, e hoje, graças ao Ministério do Esporte, temos esse convênio junto com a Confederação Brasileira de Atletismo, que não vem medindo esforços para o crescimento do nosso atletismo nacional.

No Rio de Janeiro, nós estávamos com essa dificuldade de encontrar uma pista, mas hoje eu tenho um projeto social que atende em torno de 180 crianças carentes da Zona Oeste e já estávamos utilizando essa pista da Comissão de Desporto da Aeronáutica. Só havia o meu projeto. É uma pista de material Mondo, material olímpico, com oito raias, uma estrutura maravilhosa, que só estava sendo usada pelos militares.

Houve o Troféu Brasil de Atletismo, de 2013, de que eu participei. Tourinho, que hoje é presidente, falou para mim: *“Arnaldo, eu preciso que você arrume um local para funcionar o Centro Nacional de Treinamento de Alto Rendimento, porque senão vou ter que devolver esse dinheiro ao Ministério do Esporte.”* Até comentei isso com o Georgios quando vinha para cá. Isso ocorreu numa sexta-feira, e, no sábado, eu tinha que retornar ao Rio para falar com o comandante. E não pensem que foi fácil dobrar o comandante de um quartel para colocarmos o Centro Nacional de Alto Rendimento funcionando ali, porque, primeiro, para os militares, a participação de atletas ali iria impedir a educação física dos militares.

A primeira coisa que eu falei aos comandantes foi o seguinte: *“A pista tem oito raias. Nós poderíamos dividi-la. Eu só quero que o senhor libere as raias 1 e 2 para os atletas treinarem. Ficarão ainda livres as raias 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Serão duas para nós e seis para os senhores.”* Eu tive que convencê-lo de que nós não iríamos prejudicar a atividade dos militares. E ele foi bem taxativo: *“Isso aqui foi feito para os militares, não para os atletas.”* E aos poucos fomos o convencendo, e ele foi falar



com o brigadeiro. Falamos com o brigadeiro responsável por essa unidade, que entrou em contato com o órgão maior aqui em Brasília, o Ministério da Aeronáutica, e conseguimos espaço, aos trancos e barrancos.

Hoje eu posso afirmar aos senhores, porque sou um dos treinadores de velocidade nesse centro, que 100% dos nossos atletas do Rio de Janeiro que participaram agora do Mundial em Pequim e 100% dos que vão participar dos Jogos Olímpicos de 2016 treinam hoje nessa pista da Comissão de Desportos da Aeronáutica. Mesmo sabendo que lá no Rio existe a Escola de Educação Física do Exército, nem todos os atletas têm autorização para treinar lá. No Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes — CEFAN, comandado pela Marinha, é preciso pagar um valor absurdo para treinar, e a única que liberou treinamento de forma gratuita foi a Comissão de Desporto da Aeronáutica.

Hoje o CNTA está funcionando a todo vapor e é um exemplo para todos os outros CNTAs que existem no Brasil. O CNTA é certinho: tem alimentação, tem equipe multidisciplinar, tem treinadores, tem transporte por meio de *vans*. Isso fez com que o resultado dos atletas do Rio de Janeiro crescesse bastante.

Então, precisamos ter esse apoio do Ministério. Recentemente ficou uma dúvida se iríamos renovar o contrato. Tivemos um aditivo que valeu até dia 31 de dezembro agora, mas nós precisamos renovar isso para 2016, 2017, 2018 e, quem sabe, para 2020, porque é o próximo ciclo olímpico. O Georgios falou aqui: *“Não é em 8 anos que você transforma um atleta em um campeão olímpico.”* É de isso mesmo, é de 12 a 20 anos! O atleta precisa ganhar essa maturidade, precisa ganhar essa vivência.

Então, não adianta só começar e terminar o treinamento antes do prazo. Vamos começá-lo e vamos deixar que trabalhem, porque os resultados vão sair. Não é fácil dar uma Bolsa Pódio, de 11 mil reais, e dizer que o atleta tem que ganhar uma medalha olímpica. Não é em 4 anos que se transformam atletas brasileiros em campeões olímpicos. Isso demora um pouco mais de tempo. Tem que haver investimento, estrutura, e tem que haver principalmente apoio financeiro, que é do que mais precisamos.

Hoje, no Rio de Janeiro, graças a Deus, graças a esse convênio da Confederação Brasileira de Atletismo com o Ministério do Esporte, crescemos



bastante e podemos estar um pouquinho mais esperançosos para 2016. Tivemos agora uma medalha de prata, com a Fabiana Murer, mas eu tenho certeza de que nos Jogos Olímpicos de 2016 vamos trazer mais. Eu só peço, como ex-atleta, medalhista olímpico, hoje como treinador do CNTA, que continuem esses investimentos feitos não só no atletismo, mas no esporte como um todo, porque eu penso que um dia o Brasil pode se transformar numa grande potência.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Arnaldo.

Passo a palavra ao Sr. Fernando Franco Ferreira.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Bom dia!

Eu sou conterrâneo do Arnaldo, sou carioca. Estou em Brasília há 42 anos. Sou formado em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco de Educação Física. Faço pesquisa em atletismo há mais de 10 anos. Eu sou do tempo em que o atletismo era praticado com sapato de prego, e na terra. Houve uma época em que a arquibancada do Estádio **Célio de Barros**, no Maracanã, era um bonde velho — não sei se estão lembrados. Então, o atletismo, desde aquela época, já era complicado.

O grande problema que eu vejo hoje no atletismo é como motivar o jovem a praticá-lo. Primeiro, é o ambiente. Como diz o Georgios, a escola tem várias finalidades. Em relação ao sistema esportivo, de quem é a responsabilidade e de quem é a incumbência de iniciar o jovem no esporte? É do SESC? É do SENAC? É da escola? Onde é que ele vai desenvolver a sua habilidade esportiva?

Uma pergunta que eu faço normalmente quando converso é a seguinte: das várias pessoas que estão aqui, será que, se algum dos senhores tivesse tido a oportunidade de participar de um movimento esportivo, não teríamos aqui, por exemplo, um campeão mundial de esgrima?

O Georgios falou sobre o Atleta na Escola, sobre o esporte na escola. Eu queria dar um número interessante aos senhores aqui. Dos 12 aos 17 anos, a maioria das crianças está matriculada nos ensinos fundamental e médio. São 153 mil escolas no Brasil, com 37 milhões de alunos matriculados. A continha que eu faço rapidinho é: deve haver crianças com 11 anos na 5ª série, como deve haver com 18, 19 anos no ensino médio. Vamos tirar 7 milhões. Eu acredito que hoje, no Brasil, tenhamos 30 milhões de possíveis atletas.



Fala-se muito na população brasileira, mas nós somos da população brasileira e ninguém aqui pratica esporte. Onde está o esporte? Na população de possíveis atletas de 12 a 17 anos, se ficarmos neste universo de ensino fundamental e médio, são 30 milhões de jovens. O que se faz com essas crianças? Será que nesse universo não temos nem um Joaquim Cruz, nem uma Carmen de Oliveira, nem um Róbson Caetano, nem 10 ou 15 Arnaldos de Oliveira?

Então, eu vejo a dificuldade do atletismo. Há muitas décadas que no nosso campeonato brasileiro menor e juvenil a maioria das provas são finais. Então, como achar atletas se a maioria das provas tem 4, 5, 6 atletas? Nós somos 27 das Unidades na Federação! Era para haver, no mínimo, eliminatórias e semifinais de revezamento, mas a maioria são provas finais.

Então, às vezes eu vejo como a Confederação — não é obrigação dela desenvolver o atletismo — pode fazer o jovem praticar atletismo. Um dos estudos que eu tenho é a respeito dos cinco primeiros colocados no *ranking* brasileiro menor e juvenil de 2000 para cá. A maioria — quase 70% — não chega à sua vida adulta. E os que chegam, viajam, agradecem e fazem aquele resultadinho, aquela mesmice pelo resto da vida.

Como fazer o jovem praticar atletismo? Muitos atletas hoje fazem o resultado que o Arnaldo fazia na década de 80. Então, eu fico vendo às vezes a dificuldade que a Confederação tem ao querer fazer a coisa evoluir. Ela está investindo, está fazendo a coisa andar, mas esbarra —é como ele falou — na falta de recursos financeiros.

Eu queria dar outro dado também interessante — ele falou em mundiais e na coisa toda: 52% dos atletas finalistas em Londres participaram de mundial, menor ou juvenil, nos 6 anos anteriores. Os atletas brasileiros que participam de mundiais também estão dentro desse universo. Então, se nós não tivermos quantidade de atletas participando e sendo finalistas de mundiais menor e juvenil, fica difícil ter resultado adulto.

Então, eu fico às vezes me questionando — não sei se eu vou colocar uma coisa aqui pela qual na Confederação vão brigar comigo. Todo mundo fala em índice. Eu acho que eles vão brigar, mas eu vou ter que comentar. O atleta atinge um índice no ano antes do evento. A maioria dos atletas que eu acompanho no



atletismo há alguns anos, no ano do evento não melhora o resultado e vai para a competição. Ora, a participação deles, se eles já estão com um resultado inferior ao que eles alcançaram no ano anterior, já me deixa em dúvida. Não haverá grande sucesso.

E aí eu pergunto à Confederação o porquê de o atleta que atinge o índice no ano anterior viajar em seguida. Nós tivemos atletas agora no Mundial com experiência, aos 28, 29 anos de idade, fazendo três *fouls* no salto em distância. Leva-se um atleta a um mundial na China, e ele faz três *fouls* no salto em distância, aos 28, 29 anos de idade? Ele vai ganhar experiência? Não fica zangado comigo, Georgios. (*Risos.*) Então, eu fico me perguntando por que ir ao Mundial se o atleta já não tem o resultado do *ranking*?

Outra perguntinha que o Georgios pode me responder é: qual é o critério...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Desculpe-me a informalidade, mas é completamente absurdo.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Eu não sei se é absurdo. O mais interessante na colocação aqui é o seguinte: existe um índice. Eu, de curiosidade, pego resultados no índice e coloco no *ranking* mundial. Há as classificações mais estapafúrdias. No salto em altura feminino, o índice era o 12º do *ranking*. No salto em altura masculino, o índice era o 32º no *ranking*. Qual é o critério? O Georgios pode nos explicar depois qual é o critério? Há provas em que é o 50º, em outra é o 60º, o 100º.

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Só para lhe esclarecer: quem define os índices de classificação para os campeonatos mundiais é a Associação Internacional de Federações de Atletismo — IAAF. Os índices da CBAAt muitas vezes são mais difíceis do que os da IAAF. Sabemos que o índice da IAAF, com aquela política de levar o maior número de atletas, pode ser prejudicial.

Por exemplo, nesse Mundial agora nós tivemos três atletas que não tinham o índice estipulado pela CBAAt. Foram convidados pela IAAF, e, no nosso papel, acabamos levando-os. Por quê? Porque, dentro do que o Fernando falou, quem decide o prazo para o índice é o conselho técnico, são os treinadores. Então, nós estamos entre a cruz e a espada. Quando colocamos o índice muito próximo da competição, os atletas reclamam que têm que fazer o pico para a competição e não



conseguirão se segurar até a data do evento para lá obter o resultado. Se colocarmos o índice muito antes, para o atleta ter tempo de acertar seu ciclo de treinamento para atingir um novo pico na competição, os atletas reclamam que está muito longe.

Então, hoje, por exemplo, como eu dei o número a vocês, nós já temos 30 atletas e vamos chegar a 48 atletas já com índice para os Jogos Olímpicos. Então, o treinador tem 1 ano para planejar todo o treinamento, para que o atleta chegue ao auge da sua forma física e vá aos Jogos Olímpicos. Se não tivéssemos esse índice há 1 ano, se tivéssemos marcado para que o atleta ainda pudesse atingir o índice no ano que vem, ficaria muito em cima, porque ele atingiria o pico muito antes e não conseguiria segurar o pico por 2 ou 3 meses para chegar aos Jogos Olímpicos.

Realmente, esta é uma questão técnica na qual não existe um consenso. Cada treinador tem uma opinião diferente. O que a CBA procura fazer? Ela procura estudar a melhor forma de realmente os atletas terem o melhor desempenho e atingirem o seu índice.

Por exemplo, agora, neste ano — é uma informação rápida para todos —, o tempo entre o índice que os atletas atingiram para poderem ir ao Pan-Americano e a data do evento foi de 65 dias. Foi o mesmo prazo que os atletas dos Estados Unidos tiveram, de 60 a 65 dias. E o do Pan-Americano para o Mundial foram 30 dias. Isso também pode ter um reflexo.

Tanto os Estados Unidos, quanto o Brasil e alguns outros países tiveram problemas, porque como os Estados Unidos têm muitos atletas, eles mandaram praticamente equipes diferentes. Nós não temos, nós mandamos a mesma equipe. Praticamente os mesmos atletas que foram ao Pan-Americano tiveram que ir para o Mundial, e isso aconteceu com quase todas as modalidades. Com raras exceções, os atletas que foram ao Pan-Americano eram diferentes dos que foram para o Mundial.

Foi só para esclarecer a sua questão.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Eu vejo que essa colocação é válida.

Outro estudo que eu faço também e que depois eu posso atualizar e passar para a Confederação...



O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Dr. Fernando, antes de o senhor passar para o segundo estudo — Sr. Presidente, permita-me a informalidade —, nós tivemos informações aqui nesta Comissão de que alguns atletas lá na China não conseguiram ultrapassar o sarrafo nos treinamentos da competição.

Eu sou leigo, nós estamos tentando aprender com os senhores que estão aqui, mas como é que se faz um investimento em um atleta — Deputado João, V.Exa. pode falar isso de cátedra, porque foi um atleta que honrou o País e os jovens brasileiros no alcance de índices — mandando-o para uma competição na China, se ele não consegue se apresentar, digamos assim, minimamente? Alguma coisa está errada, os senhores sabem o que é corrigir, Dr. Fernando.

Era só para ilustrar o que o senhor estava dizendo.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Eu, no meu tempo de atleta, na década de 60, com sapatos de pregos, num prego de 2 centímetros, a sola era de couro, eu fazia salto com vara. Hoje em dia, a prova de salto com vara é muito ingrata, é muita técnica, com muito detalhe. Então, se o atleta não acerta no primeiro salto, ele tem que acertar no segundo. E às vezes o sistema nervoso, emocional, do atleta é prejudicado. Em vara há temperatura. Eu acredito que é uma prova ingrata. Nós já vimos vários atletas, não só brasileiros, mas também o próprio francês, que é o melhor do mundo, não ficar com esse lugar no mundial. Então, é uma prova muito ingrata, tem muito detalhe para ser acertado.

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Deixe-me eu só complementar.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Pois não.

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Especificamente sobre o salto com vara, há 10 anos era inimaginável que o Brasil seria potência no salto com vara, e hoje o Brasil é uma potência no salto com vara. Só que, como o Prof. Fernando disse, o salto com vara é uma prova muito técnica. Os nossos atletas todos têm índice para ganhar medalha.

Eu não sei se os senhores tiveram conhecimento de que houve uma atleta austríaca que no salto, no treinamento, por causa de vento, por causa de problema, caiu fora do colchão, quebrou o pescoço e está tetraplégica. Então, realmente é uma prova técnica muito difícil. Muitas vezes o atleta está preparado, mas dormiu mal,



aconteceu alguma coisa, ele não consegue passar nenhuma marca do índice mínimo, mas ele tem marca muito melhor, inclusive a ponto de ganhar medalha. Exemplo: isso acontece no salto com vara, no salto em altura.

A questão da marca do salto em distância é a mesma coisa. O atleta tem índice. Cito um dado interessante: se eles estiverem tranquilos, têm acompanhamento psicológico, têm tudo, mas é o momento. Se todos os atletas que foram tivessem atingido a marca que eles obtiveram para o índice, para a classificação no Mundial, nós teríamos ido para 22 finais — nós fomos para cinco finais — e nós teríamos ganhado quatro medalhas a mais. Então, não tem o esporte uma das características de qualquer modalidade...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Mas isso acontece com os outros também.

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Com todos, justamente. Por exemplo, como o Prof. Fernando disse, o Renaud Lavillenie, que é o recordista mundial, já saltou 5 metros ou 6 metros...

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Seis metros

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Seis metros e lá vai pedrada.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Foram 6,16 metros.

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Não conseguia saltar 5,80 metros, e é o atleta *top* de linha, com todo o preparo psicológico. É ídolo da França.

Então, isso realmente acontece. Nós não temos a solução. Uma das características do esporte é a imprevisibilidade do resultado. Se você sabe que aquele atleta vai ganhar, não precisa ter concorrência. “*O Bolt vai ganhar!*” Ele podia ter perdido. Quase perdeu a prova dos 100 metros. Ganhou. Aí, psicologicamente, ganhou tudo. No Rio, será que ele vai ganhar mais medalha? Não sabemos.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - No lançamento de dardo no Mundial, a chinesa estava disparada na frente, e a alemã estava lá em quarto ou em quinto lugar. No último arremesso, a alemã fez certinho; ganhou a prova.

Então, há imprevisibilidade. Nós tivemos no Mundial duas surpresas interessantes: um queniano ganhando no lançamento de dardo e um queniano ganhando nos 400 metros com barreiras.



Outra coisa interessante que aconteceu no Mundial: várias provas eram lideradas pelos atletas americanos, mas três atletas de outros países ganharam os 100 metros com barreiras feminino, prova que era liderada normalmente por americanas. As americanas se deram mal, não se deram bem. Em outra prova, uma americana caiu na penúltima barreira. Ela vinha disputando a prova e se machucou. Caiu no meio da prova, e venceu. Então, o esporte é essa imprevisibilidade.

No mais, creio que nós vamos ter sucesso em 2016, apesar de todos os percalços da vida. E espero também que a Confederação faça um trabalho para os atletas não competirem no seu país com aquela obrigação de por estarem em seu país, fazer sucesso. Que isso não prejudique o desempenho da moçada.

Então, tem que haver um trabalho muito grande com os psicólogos para vencer esse problema, porque às vezes você está em outro país, em outro lado do mundo, e o emocional prejudica. Agora, dentro do Brasil, com aquela não digo obrigatoriedade, mas naquela marca da quota de 30 medalhas, isso tudo vai mexer com o emocional dos atletas. Eu penso que isso vai ocorrer, porque o atleta já está naquela: *“Eu estou aqui entre os melhores. Eu tenho que fazer tudo certinho para ganhar medalha”*.

O SR. ARNALDO DE OLIVEIRA SILVA - Só complementando o que o Fernando e o Georgios falaram, eu demorei 16 anos para conquistar a minha medalha de bronze. Eu fui para os Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles; fui eliminado de cara. Eu fui o campeão do Troféu Brasil, e fui para essa competição com o nono melhor tempo. Então, para mim, como não tinha experiência alguma, eu achava que ia me classificar com muita facilidade. Eu fui eliminado no primeiro tiro, mas eu aprendi com aquela derrota. Quatro anos depois, eu fui o nono, em Seul. Se tivessem descoberto antes que o Ben Johnson estava dopado, eu teria corrido aquela final. Em 1992, eu quase bati na porta. Eu esperei 1996.

Sempre falo o seguinte — o Deputado João Derly sabe muito bem disso —: para ganhar uma medalha, primeiramente você tem que estar bem fisicamente. A segunda coisa, além de estar bem fisicamente, é o seu psicológico funcionar. Eu já vi atletas bem fisicamente perderem no psicológico. Recentemente, nós fomos testemunhas da Copa do Mundo aqui no Brasil. Acho que todos recordam que o



Brasil e Chile foram para a disputa de pênaltis. Vimos o nosso capitão desistindo de bater pênalti e o nosso goleiro Júlio Cesar, extremamente experiente, chorando.

Eu não sei, não posso falar nada do futebol, porque eu não estava lá. Eu sempre botei na minha cabeça o seguinte: o psicológico é tão importante quanto o físico. Exemplo: Thiago Braz, o nosso saltador com vara, foi para Pequim em quarto colocado no *ranking*. Não saiu na hora. Eu não estava lá, então não sei o que se passava pela cabeça dele. Primeiro: bem fisicamente, todos nós sabemos que ele estava. Segundo: será que ele estava conseguindo suportar o lado psicológico da imprensa falar: *“Ele tem melhores condições de trazer medalha do que a Fabiana?”* Foi a mudança de treinador? Ou ele sentiu disputar o Campeonato Mundial? É diferente.

Um campeonato mundial, uma Olimpíada é diferente de qualquer outro evento como o Pan-Americano, o Sul-Americano; é uma coisa diferente. E muitos diziam que a Fabiana já tinha uma idade. Ela foi lá com a experiência dela e por pouco não se transformou numa campeã mundial. Então, é o que eu falo: às vezes o atleta está bem treinado, o treinador fez a parte dele, mas as coisas não saem porque fogem da nossa alçada. Isso vai depender muito do atleta.

Eu vou contar uma experiência de 1996, quando eu ganhei a minha medalha olímpica no revezamento 4 x 100 metros, no dia 3 de agosto de 1996. O Brasil era a maior delegação e não tínhamos conquistado medalha alguma. A esperança era no revezamento 4 x 100 metros. Era um revezamento que nós não treinávamos, a realidade é essa. A “geração de bronze” de Atlanta não treinava, porque existia uma rivalidade muito grande entre Rio de Janeiro e São Paulo, que era eu e o Robson Caetano contra os atletas de São Paulo.

Quando nós nos classificamos para a final, Deputado João Derly, nós nos reunimos e falamos o seguinte: *“Ficamos com a terceira melhor marca e nós temos que esquecer que alguém aqui é do Rio de Janeiro e que outro é de São Paulo. Nós vamos correr com a camisa da Seleção Brasileira”*. Foi a partir desse momento que unimos as nossas forças, e o nosso psicológico ficou muito forte. Nós conquistamos essa medalha.

O Robson já tinha uma medalha. Eu fui o primeiro homem do revezamento. Eu abri a corrida. Eu tinha a responsabilidade de abri-la, e abri-la bem, mas tinha a



segunda responsabilidade: a de passar o bastão rápido para a mão dele. E nesse momento, quando o árbitro falou “*agasalhos fora*”, houve um problema na equipe de Gana, e eles trocaram o atleta. Eu estava tenso — eu, com quatro Olimpíadas nas minhas costas, estava tenso, confesso —, porque eu sabia que era a minha última.

Então, eu fui lá perto do Robson, que foi o segundo homem, e lhe falei: “*Robson, pelo amor de Deus, espera eu chegar à marca para eu poder passar o bastão*”. Eu estava tão nervoso, tão tenso, mas com a certeza de que ia trazer a medalha, porque, se nós não errássemos, nós iríamos para o pódio. E foi o que aconteceu. Graças a Deus, eu abri a disputa bem, o Robson esperou eu chegar à marca, eu lhe entreguei o bastão, ele o passou para o Edson, que o passou para o André, e nós conquistamos a medalha. Por quê? Nós estávamos bem fisicamente, mas o nosso psicológico também foi forte.

Então, às vezes, quando o resultado não sai, não é só por causa do treinamento, mas, sim, porque, naquele momento, naquela hora, o atleta infelizmente não conseguiu dar o seu melhor, por qualquer outro problema, mas são coisas que acontecem, não só no esporte, como também na nossa vida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - O senhor pode concluir, Sr. Fernando.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Quero, mais uma vez, agradecer o convite...

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - O agradecimento faremos ao final. O senhor está com a palavra para concluir o seu raciocínio.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Pois não.

Eu concordo plenamente com o Arnaldo por mostrar que o atleta deve ir para um mundial. O Thiago Braz foi para o segundo Mundial. Já foi campeão nos Jogos Olímpicos da Juventude, em Singapura, foi campeão mundial, se não me engano, do Mundial Juvenil. Foi um dos primeiros da classificação do Mundial Juvenil, e no salto com vara não acertou. Quando é assim, para acertar fica complicado, porque há a obrigação de acertar. Quando começa a obrigação de acertar a coisa degrading e é complicado fazer mais alguma coisa.

O Atleta na Escola é um projeto que seria o início de tudo para o esporte brasileiro ir para a frente. Este ano eram cinco modalidades. O atletismo começou



há 2 anos, acrescentou o judô e o voleibol no ano passado. Este ano entraria o basquete e o handebol, mas até a semana passada o Ministério da Educação, porque é o FNDE que libera o dinheiro, não tinha nenhuma posição do projeto. Acredito que é um projeto que tinha tudo para dar certo e que, infelizmente, está capenga, vamos chamar assim, e depende de acordo do Ministério. Eu soube que o Secretário-Geral do Ministério do Esporte já andou conversando com o Secretário-Geral do Ministério da Educação para a coisa poder funcionar. Penso também que a Casa poderia procurar os Ministérios e fazer pressão para isso funcionar, porque a base de tudo no mundo inteiro é o esporte dentro das escolas.

Uma vez conversei com uma moça do Ministério da Educação. Dias antes do campeonato Mundial Juvenil, entrei no *site* da Jamaica — sou fã da Jamaica, porque é um país do tamanho de Brasília e faz um esporte maravilhoso — para acompanhar o resultado do campeonato jamaicano e ver a possibilidade dos atletas brasileiros nesse evento. Surpreendi-me. No final de tudo, estava lá a classificação, o nome das equipes: todas eram escolas. O campeonato jamaicano de atletismo dura 4 dias, o nosso campeonato brasileiro menor juvenil dura um fim de semana, porque falta gente para competir. Se se não há gente competindo, dificilmente será boa uma seleção.

O Brasil, hoje, se tivesse uns 20 velocistas, poderia remontar uma equipe de velocidade. Existe aquele grupinho que, desde 2.000, há 4, 5 anos, está sendo treinado. A Confederação, como diz o próprio Georgios — e não houve nenhum trabalho no passado — poderia ter selecionado um grupo de atletas: *“Vamos pegar esse grupo de atletas aqui para ver quem em 2016 pode representar o Brasil de modo mais caprichado”*. Hoje, estamos restritos aos revezamentos e ao salto com vara, que é uma prova no Brasil que reputo boa, porque um técnico teve conhecimento: *“Para os meus atletas evoluírem, tenho que procurar conhecimento”*. Ele teve a humildade de procurar o esporte russo, e hoje é a prova mais do que desenvolvida no Brasil. Em compensação, hoje no Brasil os atletas estão falando do resultado da década de 60, da prova dos 3 mil metros com obstáculo.

Os atletas de hoje não fazem o que os treinadores faziam na década de 80. E não é por falta de recursos. Existem provas que estão amaradas, paradas, não andam, não desenvolvem exatamente porque não temos gente praticando. Vários



recordes hoje estão meio parados, porque não existem jovem praticando atividades. Dificilmente vai haver um recorde sendo superado, porque o jovem de hoje não faz o que o recordista fazia na mesma faixa etária. Temos aí o recorde dos 100 metros em 10 segundos cravados desde 1988, porque os nossos velocistas hoje, com todo o desenvolvimento tecnológico, com todo o conhecimento, não fazem o que o Robson fazia.

Outra prova também que está parada é a dos 800 metros. Tínhamos na década de 80 três atletas que a faziam em 43 segundos. Hoje estamos meio capengas nessa prova, falta gente praticando e talentos para que a coisa possa evoluir. E temos gente para escolher.

Essa era a minha colocação.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Fernando.

Com o fim das apresentações, abrimos espaço para o debate.

Com a palavra o Sr. Deputado Arnaldo Jordy.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sr. Presidente, primeiro quero rapidamente parabenizar V.Exa. pela condução dos trabalhos e pela iniciativa desta reunião. Os nossos convidados nos enriqueceram bastante, pelo menos a mim, mesmo chegando atrasado. Hoje em dia temos aqui uma quantidade simultânea de atividades que não nos permite, por exemplo, como eu gostaria de fazê-lo e, com certeza, outros Deputados aqui ausentes, de estar presente integralmente nesta sessão. Eu estava na CPI do BNDES, depois tive que ir à Comissão que analisa a questão dos terrenos de marinha e agora consegui pegar o debate aqui. Mas queria agradecer a presença do atleta, membro da Confederação, Arnaldo de Oliveira; do Dr. Georgios, que também nos abrilhantou; da Dra. Glória; e também do Dr. Fernando.

Os depoimentos, inclusive o do nosso Arnaldo, foram muitos ilustrativos. Nós estamos falando de intercorrências que são normais no esporte. Foram vários os exemplos aqui dados, eu poderia dar tantos outros, os senhores poderiam dar tantos e tantos outros de atletas que têm uma determinada média de *ranking* e de alcance de indicadores técnicos e que, na hora, por uma razão pessoal, psicológica, uma



noite mal dormida, um resfriado que está chegando, um vento, dependendo do esporte, atípico daquelas condições meteorológicas previstas...

O SR. ARNALDO DE OLIVEIRA SILVA - Ou mesmo até amarelar.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Ou mesmo amarelar, como se diz na gíria. Mas o amarelar está dentro dessa alteração comportamental, psicológica, ou de nervosismo, ou, sei lá, mil coisas que existem aí. Isso acontece aqui e em qualquer outro lugar.

Nosso problema é saber o seguinte: nós tivemos uma delegação em Pequim. Essa delegação foi composta de, salvo engano, aproximadamente 45, 50 atletas. Nós tivemos uma competição em que participaram duzentos e poucos países. Nós trouxemos uma medalha. Este que, para mim, é o dado que mostra a necessidade de correção de rumos. Eu não sei qual é exatamente o rumo. Aí deixo a primeira provocação.

O Dr. Fernando diz que nós temos 37 milhões de jovens no ensino médio e no ensino fundamental, não é isso? Vamos tirar 7 milhões que podem estar abaixo ou além da faixa etária, digamos assim, da prática do esporte, que é de 12 a 17 anos...

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Dos Jogos Escolares da Juventude.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - ...dos Jogos Escolares da Juventude para esse fim. Quer dizer, vamos eliminar os de 18 e 19 anos que ainda estão no ensino fundamental e os de 9 a 11 anos que já estejam no ensino médio e no ensino fundamental, o que eu acho que talvez seja muito. Não sei se chega a tudo isso. Mas nós temos 30 milhões, foi o dado que o senhor trouxe aqui.

O que nós estamos fazendo com esses jovens? Eu não digo nem apenas do ponto de vista da prática esportiva, do que isso pode nos auferir, porque é um dado estatístico, é escala. É escala! Se você tem dez jovens praticando, você vai tirar um; se você tem mil, você vai tirar mais do que um. E não tenha dúvida — quantos serão eu não sei — de que será mais do que um. Como disse o Dr. Fernando, e me permitam supor a concordância, nesses 30 milhões de jovens deve haver tantos “Arnaldos, tantos Robsons, tantos Agbertos, que é do meu Estado do Pará, e tantos outros que não o são por falta de oportunidade, de possibilidade.



O senhor citou a Jamaica; poderia citar Cuba, poderia citar um país deprimido economicamente, no chão, com um regime autoritário, com uma série de deformações, vamos dizer assim. Se nós nos compararmos com outros países, veremos que existe lá um país de 10 milhões de habitantes — nós somos 206 milhões — que vai para a Olimpíada, vai para os Jogos Pan-Americanos, vai para outros jogos mundiais e, dependendo da categoria, proporcionalmente, pode nos dar um banho. Agora mesmo veremos isso se nós pegarmos o *ranking* de medalhas das Olimpíadas.

Então, queria fazer uma provocação para que os senhores nos remetesse, segundo o olhar dos senhores, que estão com a mão na massa, diferente de nós aqui, ao que nós poderíamos fazer. Provoquem-nos. Digam: "*Olhem, nós estamos encaminhando proposta para a Comissão do Esporte*". Para onde deveria caminhar essa história? Qual a estratégia que nós deveríamos adotar? Dr. Fernando, Dr. Georgios, Arnaldo, Dra. Glória, do handebol, provoquem-nos, no bom sentido, cobrem-nos. Estamos aqui para isso.

A Comissão do Esporte tem hoje um naipe, e não foi diferente no passado, mas ela hoje tem um naipe de Deputados dispostos a ajudar o Brasil a superar os seus entraves. Isso aumenta a nossa potencialidade de ranquear, de trazer medalhas, mas isso também nos ajuda a esvaziar as cadeias brasileiras. Isso nos ajuda a lateralizar esse debate da redução da maioria penal, porque o Congresso Nacional, em minha opinião, equivocadamente acha que o jovem no Brasil é portador do DNA da delinquência. Eu acho que não é. Esse jovem tem um passivo que às vezes é mais cômodo esquecer e resolver o problema na base da cadeia.

E eu me lembro do depoimento do goleiro do escrete nacional, o Jefferson de Oliveira Galvão, que foi um jovem que cumpriu medidas socioeducativas. Ele poderia ter sido um Fernandinho Beira-Mar da vida ou outro qualquer, mas felizmente foi salvo pelo braço do esporte. Alguém o olhou e deu-lhe uma oportunidade. Como foi com o Agberto Guimarães, que foi adotado pelo Amanajás, seu treinador. Se não fosse por isso, o Agberto não existiria. Eu sei, porque convivi com ele, sou amigo dele e sei o que ele passou, do ponto de vista das condições sociais. E nós estamos aí cheios de Agbertos com o mesmo enredo.



Então me parece que o caminho é muito claro nesse sentido. Quanto mais nós potencializarmos oportunidades nesse caminho, melhor. Nós vamos começar reduzindo outros indicadores, além de, evidentemente, promovermos o protagonismo nacional no *ranking* da prática desses esportes olímpicos, etc.

Portanto, eu deixo aqui essa cobrança, no bom sentido, aos senhores. Provoquem-nos. Mandem-nos um relatório sucinto dizendo em que a lei precisa mudar, porque nós iremos atrás. Vamos ao Ministério, vamos atrás disso. Nós temos feito aqui sistematicamente cobranças. Nós temos três Subcomissões na Comissão do Esporte, uma dos jogos olímpicos, outra do Plano Nacional do Desporto, outra do futebol.

Portanto, nós estamos querendo fazer alguma coisa, e nós podemos fazer alguma coisa. Às vezes, nós não temos os caminhos precisos disso, porque não é o nosso dia a dia como é para os senhores. Então, se os senhores puderem nos subsidiar nesse sentido, expondo suas opiniões, nós ficaríamos extremamente gratos. Eu, pelo menos, gostaria muito de saber, na opinião dos senhores, o que poderia ser feito para melhorar isso tudo que foi objeto desse diagnóstico que nós ouvimos aqui e que não é dos mais satisfatórios.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Deputado Arnaldo Jordy.

Eu também tenho algumas perguntas. Como hoje nós estamos com o número pequeno de Deputados, depois abrirei a palavra ao público em geral para poderem fazer algumas perguntas aos nossos palestrantes.

Pergunto, voltando ao handebol, a algumas questões específicas, aos acampamentos, com que frequência acontecem esses acampamentos. Eu achei interessante que no judô, por exemplo, existem os *kangueiko*, como são chamados. Pergunto com que frequência acontecem esses acampamentos e qual é o seu tempo de duração.

Gostaria que nos passassem depois os nomes dos atletas novos que têm surgido e dos atletas que hoje compõem a Seleção, tanto a masculina, quanto a feminina, suas posições, e também dos atletas que estão chegando, para que possamos ter uma noção do número e conhecer seus nomes, a fim de acompanhá-los durante os jogos. Esses jogadores, tanto os masculinos quanto os femininos,



jogam juntos? Saber isso seria interessante também. O time jogou em qual país mesmo?

A SRA. GLÓRIA SPERADIO - O feminino, na Sérvia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Na Sérvia.

A SRA. GLÓRIA SPERADIO - Está falando do Mundial, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Isso, isso. Pergunto se eles estavam jogando juntos.

A SRA. GLÓRIA SPERADIO - Ah, não. Pergunta se eles ficaram no projeto?

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Isso.

A SRA. GLÓRIA SPERADIO - Aí, não. Aí já foi o feminino na Áustria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Depois a senhora nos conta.

Pediria para falar um pouco mais sobre as ligas nacionais, para entender um pouco mais como elas funcionam, aprofundar esse tema um pouquinho, e sobre os objetivos para os Jogos Olímpicos do ano que vem, que se realizarão no Rio. Quais são os objetivos da Confederação em termos de medalhas? Quero saber se “sim” ou se “não”. Pretendem chegar a que posição? Qual é o objetivo que estão visualizando?

Temos um pouco mais de perguntas sobre as competições e os torneios que vão acontecer até os Jogos, mas depois pegamos as informações ali pelos eslaides.

Entrando um pouco agora na questão do atletismo, gostaria de saber se já temos os treinadores estrangeiros que compõem a equipe técnica. Por exemplo, no revezamento 4 por 100 metros, quem é o treinador?

O SR. ARNALDO DE OLIVEIRA SILVA - O Evandro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - O Evandro. Mas não há um treinador estrangeiro que também está acompanhando os treinos?

O SR. ARNALDO DE OLIVEIRA SILVA - O Michael Johnson está dando uma assessoria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Ah, está fazendo uma assessoria. Então, queríamos conhecer um pouco mais também os treinadores estrangeiros que fazem essa assessoria, ajudando os nossos atletas.

Gostaríamos dos nomes dos nossos atletas, nessas 30 provas, que já têm o índice. Não precisa ser para hoje, mas peço que passem essa informação para nós



conhecermos um pouco desses atletas, até saber os índices de cada um. Queremos também acompanhar para, durante os Jogos, já sabermos a marca pessoal, a marca do ano, e entendermos isso um pouquinho mais.

Também tenho uma pergunta que se evidenciou: o que está acontecendo hoje? Qual é o maior problema com o atletismo? Fala-se muito na questão do recurso, talvez da falta de investimento, e num acerto melhor em relação ao investimento no atletismo. Queria saber se esse é o problema maior hoje, se é talvez a falta de estrutura, de aprimoramento dos nossos treinadores ou até se é uma questão dos nossos atletas. Queremos entender um pouco mais e aprofundar mais essa questão.

E há a questão do trabalho psicológico. Evidenciamos muito em eventos maiores que sempre acontece algo com os nossos atletas brasileiros nessa questão psicológica. Qual é o trabalho que é realizado para aperfeiçoar e tentar acabar com esse problema? Sei que, no Mundial de Judô de 2013, fui chamado para fazer uma palestra especificamente para os atletas que iam competir. Foi o caso de Sarah Menezes, que tinha acabado de ser campeã olímpica e ia enfrentar o Mundial no País, para que ela não sentisse essa pressão. Eu já tinha disputado o Mundial dentro do nosso País. Tive que lidar com essa questão de ser favorito. E me chamaram para passar essa questão e até ajudar o trabalho dos psicólogos ante os nossos atletas. Então, que trabalho está sendo feito para que possamos minimizar essa questão psicológica?

Assim como o nosso Arnaldo, eu acho que é uma questão importante haver um cuidado primordial com os nossos atletas. Sabemos que fisicamente quase todos os atletas estão baseados no mesmo nível. Todo mundo se prepara bem, mas a questão psicológica às vezes faz a diferença. É o olhar, é o sentir a torcida. A imposição no judô é muito evidenciada. É o olhar, é o confronto direto, porque é um esporte de luta. Então, é o olhar, é o atleta pegar energia em pequenas coisas, em detalhes que acontecem na prova, durante a luta, durante a competição.

No handebol também há isso, essa imposição. Até pelo vídeo, podemos observar que a goleira, no final, sempre dava um berro, naquele negócio de mostrar: *“Ó, não venha! Não chegue aqui, porque aqui não vai passar a bola de jeito nenhum!”* Temos que despertar esse espírito nos nossos atletas. Disputaremos no



País, e esse sentimento tem que estar nos atletas. É claro que a preparação é importante — não errar na preparação, mas temos que despertar nos nossos atletas o sentimento de que dentro do nosso País ninguém vai nos ganhar. Então, de que forma está sendo trabalhado isso? Quais são os objetivos do atletismo para os Jogos Olímpicos?

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sr. Presidente, pegando carona na sua pergunta sobre atletismo, como está a questão da utilização de equipamentos, que muitas vezes ficam ociosos, do Exército, Aeronáutica e Marinha? Pergunto isso porque no meu Estado foi uma briga com o CIABA — Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar para conseguir parceria. Eles têm um parque de equipamentos numa região extremamente pobre, na periferia. É um enclave, na verdade.

Com honrosas exceções, essas instituições se acham acima do bem e do mal, sem compromisso de partilhar ou de disponibilizar esses equipamentos. É claro que há a preparação dos oficiais, dos soldados das Forças Armadas, não há dúvida. Mas às vezes a utilização é absolutamente irrisória, diante do potencial do equipamento, e algumas federações ficam inibidas de ampliar sua prática de esporte.

Vou até apresentar requerimento para chamar o Ministro da Defesa e ver se ampliamos esse diálogo, essa visão tutora e exacerbada que às vezes os militares ainda têm de não servir ao Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - As universidades também.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Universidades e outros. É claro que tem que haver critérios, convênios, responsabilidade, etc. Mas não podemos, diante desta carência generalizada, nos darmos ao luxo de ter praças de esporte e equipamentos absolutamente subutilizados e uma demanda a ser atendida.

Eu gostaria que eles comentassem essa questão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Depois teremos nossa rodada de resposta. Quer responder primeiro? (*Pausa.*) Qual é o horário do seu voo?

O SR. ARNALDO DE OLIVEIRA SILVA - Meu voo é às 14h40min. Estou preocupado. Eu queria pedir permissão ao Presidente para fazer uso da palavra.

Em complementação ao que o Deputado Arnaldo Jordy disse, primeiramente, quero falar sobre as pistas do Rio de Janeiro. Na pista da Comissão de Desportos



da Aeronáutica, onde funciona o Centro de Treinamento de Alto Rendimento, são liberadas todas as raias, da 1 à 8. Conseguimos fazer um trabalho de alto nível nessa unidade. Mas é lógico que necessitamos de mais pista para treinar.

No CEFAN — Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, a Marinha não pode cobrar os valores absurdos que cobra para um clube treinar, levar seus atletas. Eu digo isso porque tenho um clube, um projeto social. E o que faço com meu projeto social é nada mais, nada menos do que retribuir o que a Gama Filho fez comigo quando iniciei. São 180 crianças. Já tenho atletas campeãs estaduais, campeãs nacionais, campeãs sul-americanas. Sarah Moraes, uma atleta dos 400 metros, que compete no adulto, tem condições de estar no ano que vem no revezamento 4 por 400.

Durante 3 anos, Deputado João Derly, tentei inscrever meu projeto no Ministério do Esporte. Ele foi indeferido duas vezes. Na terceira, consegui. Desde 6 de maio do ano passado, tento captar 1 milhão e 600 reais para otimizá-lo. Só consegui captar até agora 18 mil reais. Tive que mandar um ofício para prorrogar o prazo, que foi prorrogado até 31 de dezembro. Já fui a grandes empresas, cujos nomes não vou dizer por questões éticas. Não adianta captarmos 1 milhão e 600 na padaria do Sr. Manoel. Temos que ir às empresas grandes, mas ouvimos a mesma coisa: *“A situação está difícil com a crise econômica. Passe daqui a 6 meses”*. Eu tenho 3 meses para captar esses recursos, e vou perdê-los. As confederações vão complementar o trabalho do atleta, mas a responsabilidade é do clube. É um erro colocarmos a responsabilidade de resultado do atleta nas confederações. Os clubes que têm que fazer o trabalho de base. A Confederação vai apoiá-los.

No meu caso, como vou querer massificar? Como todo mundo disse aqui e sabe, é da quantidade que se tira a qualidade. Como vou dizer para minha atleta Sarah que vou levá-la à Europa para os 400 metros? De onde que vou tirar dinheiro para a passagem? Depois de muito tempo, consegui esse benefício pela Lei de Incentivo ao Esporte. Se até 31 de dezembro eu não captar recurso, vou perder. Como vou massificar? Como vou fazer um trabalho de base? Não vou conseguir.

Estou correndo atrás, fazendo uma série de coisas. Temos que ter estrutura. Não adianta termos no Rio de Janeiro acesso somente à pista da Comissão de Desporto da Aeronáutica. Temos que ter a do CEFAN, a da ESEFEX — Escola de



Educação Física do Exército. Mas às vezes esbarramos em burocracias nessas unidades militares. Temos que nos lembrar de que vamos sediar os Jogos Olímpicos. Deveria haver consenso, jogo de cintura maior para que os atletas pudessem treinar pelo menos até o período das Olimpíadas. Depois, seriam outras coisas, incentivo permanente.

Agberto Guimarães e Joaquim Cruz, graças a Deus, são da minha época. Tive a felicidade de competir e viajar com essa geração, uma geração fantástica, que não dispunha de tanto dinheiro, de tantos recursos, mas traziam resultados fantásticos. Graças a Deus, Agberto está no Comitê Olímpico e é um dos responsáveis dos Jogos Rio 2016 por tudo que fez no esporte. Também quero formar campeões, como fomos Agberto, Zequinha, Robson, Joaquim, eu, entre outros. Mas temos que ter apoio financeiro, recurso, receita, senão não conseguimos massificar o esporte.

É importante reconhecemos que nossos treinadores precisam se capacitar e se reciclar. O treinamento está evoluindo. Não é porque fomos campeões ontem que vamos ser hoje. Por exemplo, Nelio Alfano, medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim com Maurren Maggi, é um dos que dizem que temos que nos capacitar. Por quê? Porque a capacitação é importante. Sempre há coisas novas. Isto também, na minha opinião, é um problema: os treinadores reconhecerem que precisam se capacitar e se reciclar.

Temos que nos agarrar não só ao treinamento. O trabalho psicológico é fundamental. Citei aqueles nomes. Vou citar dois fatos, que acho que todos conhecem: Daiane dos Santos também era a favorita absoluta em 2004, em Atenas, mas, numa apresentação em que seu pé caiu fora da linha, perdeu; Diego Hypólito, em 2008, ganhou praticamente no ano inteiro, mas, na sua saída da apresentação, caiu sentado no chão. São coisas que acontecem, mas que precisamos minimizar. E como minimizar? Com trabalho árduo. Precisamos de investimento para haver crescimento do nosso esporte. É assim que tem que ser feito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado.

Vamos fazer esta rodada de respostas e depois abrir novamente ao público.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - A resposta vai provocar o Congresso, os Deputados da Comissão.



Sou do tempo em que a aula de educação física era esporte. Estudei à noite na Dom Bosco e 80% do currículo era modalidade esportiva. Hoje, as faculdades de educação física — não tenho nada contra, logicamente — estão fazendo professores para a área de saúde. O esporte, no currículo da educação física, é dado em 1 semestre. Então, mesmo que o aluno tenha feito esporte... Qual é o conteúdo programático de educação física nas escolas brasileiras? Não há. Se alguém visitar uma escola, vai ver que educação física é lazer, brincadeira. No meu modo de ver, é assim que se perdem várias pessoas.

Fiz uma pesquisa em Brasília, em 2008, para saber dos alunos das faculdades de educação física quem teve do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio uma aula de atletismo. Conversei com os diretores das faculdades para saber a quantidade de alunos, porque era intenção minha fazer um levantamento no atletismo. Foram três perguntas: o aluno estudou em escola pública ou privada? Praticou esporte quando jovem? Teve aula de educação física? Conseguir entrevistar, por amostragem, 24,5% dos matriculados. Sessenta e oito por cento nunca tiveram uma aula de atletismo. Em 60 horas, numa faculdade, é impossível ensinar coisas diferentes — salto, arremesso — para alguém, principalmente se esse alguém não praticou esporte no tempo de escola.

Então, eu acredito que, na hora em que voltar a prática desportiva na aula de educação física não com o objetivo de fazer atleta, mas de diagnosticar quem tem habilidade esportiva, poderemos voltar a ter Agbertos Guimarães, Arnaldos de Oliveira. Arnaldo: você começou a ter contato com o atletismo não foi na escola?

O SR. ARNALDO DE OLIVEIRA - Exatamente.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Então, se não aprender na escola, não tem jeito.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O senhor pode nos disponibilizar essa pesquisa e outros estudos que tenha? É importante termos isso, professor.

O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Eu passo para o senhor com o maior prazer.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Os senhores me desculpem, mas tenho que ir ao plenário, porque começou votação nominal.



O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA - Minha questão é esta: se a prática desportiva não voltar como aula não com o objetivo de fabricar atleta, mas de oportunizar habilidade esportiva à criança, fica difícil surgirem atletas no Brasil.

A SRA. GLÓRIA SPERANDIO - Escutei bastante aqui sobre atletismo. Vou me concentrar no plano estratégico da Confederação Brasileira de Handebol, uma das modalidades que sempre tiveram muito pouco recurso.

O último patrocínio do handebol foi da PETROBRAS e terminou em 2009. Mas a Confederação sempre teve um plano estratégico muito delineado, que, é lógico, no decorrer da história, foi mudando, melhorando. Se vocês notarem, pelo que apresentei, o handebol vem crescendo desde 2011, quando a seleção brasileira feminina conquistou o quinto lugar no mundial, o sexto nos Jogos Olímpicos e, na sequência, o título.

Nosso Presidente sempre diz que não fazemos a modalidade só com recurso financeiro, temos muita parceria. Com a chegada do recurso financeiro, através dos Correios, bancos, Ministério do Esporte, que sempre foi nosso grande financiador, nossos títulos, nossos resultados têm surgido. Infelizmente, no Brasil, é preciso primeiro ganhar títulos para depois conseguir patrocínio, diferentemente de outros países. O handebol vem crescendo com pouco recurso. Com o que chegou, demos esse *upgrade*.

Eu acho que nosso centro nacional vai ser realmente um divisor de águas. No País, não temos equipamento esportivo, temos sim um legado esportivo, que são nossos pisos, que temos que levar Brasil afora, porque as quadras têm pisos de cimento. Fora do País, o piso é adequado para as modalidades, principalmente a nossa, que é de alto impacto.

Então, nossa modalidade realmente vem crescendo, e acreditamos que é por causa desse plano estratégico.

Você me fez uma pergunta sobre a Liga Nacional de Handebol. Precisamos melhorá-la. Os clubes no Brasil, como os colegas têm dito, não têm estrutura, não têm recursos. Não é papel da confederação financiá-los. No ano passado, tentamos melhorar a liga com um projeto através da Lei de Incentivo ao Esporte. Mas é inexequível fazer o projeto de um campeonato tão grande, com tantos atores, prestar contas, etc., porque depende não só da confederação, mas dos clubes.



Então, neste ano não fizemos esse projeto através da Lei de Incentivo ao Esporte. Da Liga Nacional Feminina, participam seis equipes. No passado chegaram a participar 12. Da Liga Nacional Masculina, participam 12 equipes. Acreditamos que esse é o produto mais importante, porque é dele que saem nossos atletas para as seleções olímpicas. Muitos atletas brasileiros saem para jogar fora. Acreditamos que temos que olhar com mais carinho para o campeonato nacional. O Ministério está olhando bastante para ele.

Nós também fazemos nossos acampamentos, e batemos o recorde no ano passado, com quase 400 jovens. Malu é nossa jornalista e pode me ajudar com os números. Você quer falar ao microfone, Malu?

A SRA. MARIA LUCIA SOUZA - O Acampamento Nacional de Desenvolvimento e Melhoria Técnica é realizado uma vez por ano no SESI, em Blumenau, dividido nas três categorias de base do handebol masculino e feminino: cadete, juvenil e júnior. Este número do ano passado é o total de todas as categorias. *(Mostra gráfico.)*

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. MARIA LUCIA SOUZA - Eu não sei exatamente as idades das categorias no handebol masculino, mas: júnior, até 21 anos, juvenil, até 18, e cadete, até os 16.

A SRA. GLÓRIA SPERANDIO - Os técnicos da seleção brasileira masculina, Jordi Ribera, e da seleção brasileira feminina, Morten Soubak, fazem os acampamentos regionais, em parceria com as federações de handebol, que são 27, geralmente com a Secretaria de Esporte do Município e clubes. Nos acampamentos, são escolhidos os melhores atletas. Os técnicos dos clubes do Estado e o presidente da federação fazem a escolha dos atletas regionalmente e depois os levam para o acampamento nacional. Vários deles jogaram nas categorias juvenil, júnior e adulto. O técnico Jordi diz que já tem atleta para a seleção adulta de 2024. Enfim, há um grupo muito bom de atletas nas categorias de base.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. GLÓRIA SPERANDIO - Sim, somos ambiciosos. Manoel não admite dizer que não vamos brigar por medalha, não importa a cor. Nós acreditamos em medalha sim. A seleção feminina vai para o mundial na Dinamarca brigar por título.



Se vocês perceberem, na nossa apresentação, todas as categorias têm melhorado suas qualificações em campeonatos mundiais. A juvenil acabou de sair de um. Estava em 15º lugar, e hoje está em oitavo. Cresceu.

Nós acreditamos nisso e queremos deixar claro que o Ministério do Esporte é o nosso grande parceiro, o nosso grande financiador. Esse centro de treinamento é um investimento de 12 milhões de reais, veio através da Lei de Incentivo ao Esporte, do qual com certeza sairão grandes atletas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Depois de Georgios Stylianos Hatzidakis, não vou abrir ao público, porque está havendo votação nominal e não há ninguém para revezar comigo na condução dos trabalhos.

O senhor tem a palavra.

O SR. GEORGIOS STYLIANOS HATZIDAKIS - Vou ser breve, Deputado.

Com relação ao psicológico, tudo que podemos fazer estamos fazendo. Todos os clubes têm psicólogos, existe acompanhamento psicológico. O Comitê Olímpico Brasileiro tem uma equipe de 30 psicólogos que acompanham os atletas das mais diversas modalidades. Nós temos enviado psicólogos nas competições. Às vezes, questionam: *“Bom, mas na competição não resolve”*. Resolve sim. Ele ajuda, percebe que o atleta está tenso e avisa o treinador: *“Dá uma quebrada nele ou faz alguma coisa com o atleta. O atleta está isolado”*. Ele não vai fazer a intervenção psicológica no momento. Ela é sempre a longo prazo. Então, desde as categorias menores, o atleta tem que ter acompanhamento psicológico para ter convicção de que consegue um resultado, que não é inferior a ninguém. Tanto na confederação quanto em outros segmentos existe esse trabalho.

Com relação às pistas, nós temos uma grande cobrança. Medalha olímpica não se compra. Se amanhã o Governo Federal investir 50 bilhões para ganhar medalha, não vai ganhar, não há garantia. Nenhum país do mundo consegue garantir medalha com dinheiro. Ter dinheiro é de fundamental importância, mas não é garantia de medalha. Agora, esse dinheiro tem que vir, ser bem aplicado, de forma planejada, o que temos procurado fazer.

Muitas vezes se diz: *“Vamos construir pistas pelo Brasil”*. O Ministério está fazendo esse papel muito bem, está construindo, há a proposta da Rede Nacional de Treinamento, que aplaudimos, e sabemos que vai ajudar muito. No entanto, além



de termos pistas, temos que ter recursos para que os Municípios, as universidades, a entidade que está recebendo a pista possam mantê-la. O custo médio de manutenção de uma pista ou de qualquer instalação esportiva é de 10% a 20% do valor da obra. Então, se você não tem o dinheiro para mantê-la, vai ter que tirar de algum lugar. Aí passa a cobrar. Esse é o problema.

Além de ter pista e recursos para a manutenção, você tem que ter recursos humanos não só em treinamento, mas em limpeza, segurança, e isso acaba onerando muito os custos. Então, muitas vezes, você pede ao Ministério que construa uma pista, mas se esquece de prever no orçamento a manutenção e o projeto. Com relação ao próprio CEFAN — Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, e não estou aqui para defendê-lo, sabemos que a Marinha recebeu do Ministério do Esporte toda aquela infraestrutura para os Jogos Mundiais Militares e que está lá à disposição, só que depois não tem recursos para a manutenção. E não existe orçamento, pelo que as pessoas me dizem, para a manutenção dessa instalação esportiva. O objetivo dos recursos da Marinha é para cuidar da Marinha. Eles têm que arrumar a pista e acabam cobrando e onerando quem realmente precisa.

Então, as federações esportivas estaduais muitas vezes têm pistas nas cidades, mas não têm recursos para fazer campeonato. Isso está acontecendo no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina. O Sistema S, parceiro muito grande, tem pistas muito boas. Temos um centro nacional de treinamento em Uberlândia, lugares que conseguiram construir a pista, mas existe a pressão para diminuir os custos de manutenção. Então, tem que cobrar de alguém. O Ministério tem assinado os convênios e afirma que as federações podem usar as pistas. Mas sempre há esse problema.

Outro problema que temos no atletismo é quando se coloca um campo de futebol no meio da pista de atletismo. Isso acaba com o atletismo: *“Imagina, você vai fazer arremesso e lançamento, vai estragar o campo. Não pode”*. Então, acaba desvirtuando. Esse é um problema bobo, mas é bom lembrar.

Nós temos no Brasil 400 clubes pequenos que fazem atletismo, organizações não governamentais que realizam trabalhos sociais, registrados na Confederação. Desses 400, 180 conseguem mandar representantes para os campeonatos que a



confederação organiza, por quê? Porque ela muitas vezes paga hospedagem, alimentação, arbitragem, e não dá para pagar a passagem dos atletas desses 180 clubes, que não os mandam por falta de recursos. Até conseguimos pagar cinco de cada Estado com o índice necessário para participar das provas.

Os números são muitos altos, mas temos tentado conseguir recursos para repassar para eles, que são a base do atletismo do País. Aliás, costumamos dizer sobre a base do esporte do Brasil que: a escola é para revelar talento, o clube é para formar o talento e a confederação é para mandar esse talento para ganhar medalhas. Não há muita saída, o sistema brasileiro é esse.

Às vezes nos cobram para termos o sistema americano: *“Ah, vamos fazer na universidade”*. Esqueçam, não vai acontecer isso nunca! A cultura americana escolar e universitária é outra; lá não existe investimento público, é tudo privado. Aqui no Brasil não funciona assim. Fui diretor de universidade, fomos campeões de superliga, mas gastamos 6 milhões de dólares durante 3 anos para ter um time campeão de superliga. Chega uma hora em que nos perguntamos: para quê gastar dinheiro? Aí acaba o esporte. Algumas universidades apoiaram o esporte: Gama Filho, UNIMEP, UNIBAN, ULBRA. Mas temos que lembrar que são recursos de entidades privadas. Existe sempre a discussão: *“Ah, o esporte é privado, então o público não pode ajudar”*. Então vai acabar o esporte.

Uma grande preocupação que temos, e fazemos um apelo aos Deputados e a todo mundo: vamos ter projetos para manter o esporte depois das Olimpíadas Rio 2016. Sabemos que a crise econômica está vindo com força. O Estado do Deputado sempre fez o GP Brasil de Atletismo. É o maior sucesso, o maior público de atletismo no Brasil, lotou o Mangueirão, um espelho para o atletismo do Pará. Infelizmente, neste ano, por falta de recursos, acabou esse evento, que era realizado lá há um bom tempo. Sem o aporte do Governo do Estado, junto com recursos da Caixa, não dá para fazer um GP de Atletismo de nível internacional: trazer o atleta, pagar cachê, hospedagem, alimentação, etc. Esse é um problema.

Existe uma interrupção de programas. Existe o Programa Atleta na Escola. É de fundamental importância os Deputados cobrem do Ministério da Educação sua manutenção. Como eu disse, foi o primeiro programa em que o Ministério do Esporte trabalhou junto com o Ministério da Educação. Desde que o esporte saiu da



Educação, não se conversa mais sobre isso. Isso é de fundamental importância. Começou a se ampliarem as modalidades. Não há recurso? Diminui, volta para uma modalidade só. Tem que haver a continuidade dos programas de formação de base.

Os patrocínios das empresas estatais são fundamentais. Uma coisa que nos preocupa muito — de novo, em virtude da crise econômica — é que depois de 2016 elas retirem os patrocínios daquelas modalidades que eventualmente não tenham alcançado um bom resultado. Isso não pode acontecer, seria um *tsunami* para o esporte brasileiro.

Por fim, dentro do que Fernando falou, é muito importante lembrar que os tempos são outros. Antigamente, o objetivo da educação física escolar era selecionar talentos. Isso criou problema para muita gente que queria jogar. Eu sempre conto minha história: eu era ponta de banco, louco para jogar, mas, infelizmente, meu professor escolhia só os melhores, 12 jogavam e outros 30 ficavam sentados. Isso se corrigiu na educação física escolar. Ela não é para revelar talento, não é para fazer esporte, mas para ensinar hábitos de vida saudável a crianças e adolescentes. Agora, tem que ter regime próprio para ter esporte escolar. Essa é outra parte, em que há treinamento escolar, que a elite da escola vai treinar para disputar campeonatos, jogos escolares, e revelar talentos para o esporte comunitário, para o esporte de clubes. É fundamental essa diferença.

Existe muita cobrança para que a educação física forme atletas. Nós gostaríamos muito, mas não é só isso que temos que fazer. Ela tem que fazer todo mundo praticar atividade física. Hoje temos que trabalhar contra a obesidade infantil, temos que mostrar para a criança que fazer atividade física é importante. Nós ensinamos esporte na educação, um componente curricular na educação física escolar. Mas não podemos ensinar só esporte, existem outras áreas em que o profissional de educação física tem que atuar.

Agora, existe dentro da escola, pública e privada, um momento em que se cria uma equipe para participar de algum campeonato e para a qual a escola vai torcer. Isso é cultura americana. Nos Estados Unidos a universidade que menos investe em esporte investe 1 milhão de dólares por ano, mas arrecada de doação de ex-alunos, de ingressos, de direito de TV 1,5 milhão de dólares. Como pensar isso na escola pública, ou mesmo privada, brasileira? Não vai acontecer nunca.



Deputado, vamos passar todas as informações que os senhores nos pediram. O Presidente Toninho vai pedir bastante coisa. Ele precisa do apoio das Comissões. Sabemos das dificuldades que o Executivo tem. O Ministério tem feito o possível para nos ajudar, mas sabemos das limitações. O Comitê Olímpico Brasileiro também tem feito tudo que é possível, porque é meta dele. A Confederação tem procurado usar todos os seus recursos da melhor forma possível, com o objetivo de ajudar todos os atletas a atingir sua melhor marca. Como resultado, teremos mais finalistas olímpicos e, conseqüentemente, mais chances de ganhar medalhas olímpicas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sr. Georgios.

Agradeço ao Deputado Arnaldo Jordy me substituir na condução dos trabalhos para que eu fosse ao plenário votar. Fiz uma prova de atletismo aqui (*riso*), fui correndo pelo corredor. Essa foi uma prova com obstáculos.

Antes de finalizar os trabalhos, quero agradecer a presença a todos, em particular àqueles que nos acompanharam pela Internet.

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos, antes, porém, convocando os Srs. Parlamentares para reunião deliberativa ordinária a ser realizada na próxima quarta-feira, dia 9 de setembro, às 14 horas, neste plenário.

Muito obrigado pela presença e pela grande contribuição que nos deram. Que possamos ajudar na construção do desporto brasileiro e sair vitoriosos no futuro, tanto em medalhas quanto em promoção do esporte para todos no nosso País.

Declaro encerrada esta audiência pública.

Muito obrigado.